

# A angústia: Freud na vizinhança de Lacan<sup>1</sup>

Daniel Delouya<sup>2</sup>

**Resumo:** O movimento do pensamento freudiano sobre a angústia é retomado de forma sucinta no intuito de apontar seus efeitos sobre os aportes refrescantes e engenhosos do último Lacan. Assim, a angústia em Freud propulsiona as novas contribuições de Lacan acerca do real, do gozo e do *sinthome* e seus elos com o *objeto a*.

**Palavras-chave:** lei da mãe; desejo da mãe; imaginário; angústia automática; angústia sinal.

Curiosamente, Freud efetua uma longa volta desde o texto sobre a neurose de angústia (1894) e até *Inibição, sintoma e angústia* (1926) e a Conferência XXXII (1933). A intuição de a angústia ser primária e anterior, lógica e temporalmente, à libido, e ao desejo que a mobiliza, surge na sua clínica inicial, das neuroses atuais e é, surpreendentemente, retomada nos textos finais. A hipótese inversa, que vigora desde os *Estudos sobre a histeria*, supõe a libido ser primária para se transformar em angústia quando impedida, na cena real ou da fantasia, de se satisfazer junto ao objeto. A passagem entre as duas hipóteses vislumbra-se em 1917 na bela Conferência XXV. Entretanto, nos históricos clínicos, desde 1892 e até os magistrais de Dora, Hans, Schreber, Leonardo, O homem dos ratos, O homem dos lobos, Nathanael e Christoph Haizmann etc, predomina a hipótese da eclosão da angústia como dissolução da libido quando o desejo se vê interpelado ou falece desde sua constituição. É somente em 1926 que Freud aproxima a desorientação apavorante do sujeito na neurose de angústia - ou na hipocondria, o pânico ante os ruídos do corpo - com o terror inapreensível da neurose traumática, transbordando o sujeito. A angústia então, originária e automática, associa-se às suas noções estéticas anteriores do *schreck* (susto, terror) e do *unheimliche* como vivência sinistra, de inquietação demoníaca.

Não seria difícil enxergar, nesta primeira distinção entre as duas hipóteses, que elas se situam em diferentes contextos: é o regime da cena, da representação, que constitui o fundo da transformação da libido em angústia. Representação, afeto, recalque, angústia e sintoma articulam-se uns aos outros. Já na segunda hipótese, o

<sup>1</sup> Apresentação na mesa sobre angústia em Freud e Lacan, no V Encontro Latino Americano de Lacan na IPA, na sede da SBPSP, maio/2014.

<sup>2</sup> Membro efetivo e analista didata da SBPSP.

traumático da angústia se deve ao ataque vindo da realidade, ou *das realidades*, sobre o *eu* e o sujeito, arrasando o terreno psíquico da cena e da representação e flagrando sua fragilidade, senão sua precária constituição.

São distinções grosseiras que por hora nos servirão para lidar com o problema da angústia. Vale frisar que, na primeira tópica, o eu e a realidade são apenas fontes auxiliares de articulação. A representação como célula do psíquico, e mesmo como mera reprodução de situação “real”, impõe à vertical partição de consciente/pré-consciente/inconsciente um espectro de cunho intrapsíquico, onde o real, substrato da percepção, fica irrelevante. A outra realidade, a da pulsão, também configura como mero combustível da cena e da representação, sem ter uma verdadeira relevância clínica. Quanto ao eu, ele figura ser agente, seja de ligação no pré-consciente, seja de percepção e de ação no consciente, reduzido a um pressuposto, mas não se constitui - como as duas realidades acima - clínica e metapsicologicamente.

Já na segunda tópica, a angústia como fonte traumática primária, engendrada no eu ante as realidades exteriores ao psiquismo - seja do mundo material, seja do caldeirão do Isso que pertence ao regime da *não representação* -, coaduna-se à concepção de Lacan, em torno do real, do gozo e da veiculação com o *objeto a*.

O que está em questão é a possibilidade de existência do eu, dele se constituir e se manter, conforme a terminologia de Freud, enquanto *organização*, isto é, como ser separado que agencia o pensar, ou seja, as representações ante a realidade dos outros e de outras realidades que se impõem sobre ele. Freud constata, então, a inadequação fundamental do ser, oriunda de sua emergência traumática, em angústia, no nascimento. Neste, instaura-se uma vaga “consciência de um vasto distúrbio na economia de sua libido narcísica” (1926/1993c, p. 291). A vivência de ‘*situação de perigo*’ extremada se articula *après-coup* ao distúrbio de um estado *nirvânico*, de um gozo primordial - germe da condição de consciência primeira (Freud, 1924/1991e) - com a intoxicação da vida (angústia) que advém com o nascimento. A ideia aqui é a reversão do gozo da quietude (*libido narcísica*), matizada em uma conjunção primária das pulsões, para uma disjunção das mesmas, gerando o pânico, figuração do desamparo dos inícios.

Como o desfazimento (trauma/desamparo/angústia) do nirvana, mítica vesícula dos primórdios, pode se transformar em um ser, um eu, um eu passível de separação? Pelo trabalho do próximo, do adulto. Em que consiste? O de fornecer coordenadas, restaurando o gozo em formas de referências eróticas do corpo: em *um imaginário*. Como? A resposta foi clara desde os *Estudos sobre a histeria* e o *Projeto de uma psicologia*, ambos de 1895, e reiterada em 1926/1993c: constituir, a partir da angústia, afetos e estados afetivos de pensar é moldar a angústia do distúrbio originário em três vertentes: *descarga (ação) - percepção (representação)- prazer/desprazer (sentimento)*. Uma definição do afeto cujas *formas primárias* se assemelham aos sintomas histéricos: isto

é, às figurações linguísticas conversivas do corpo. As palavras do adulto (o simbólico) plasmam a pulsação da desordem do corpo (a sua angústia - seu desamparo) em ordem imaginária, de figuras, de gozo do sentido, de afeto e do pensar. O terror dos inícios imanta a realidade confusa, de *si & mundo*, de uma hostilidade; *a dor* do corpo torna-se predicado total *da coisa*, isto é, de uma realidade totalitária compacta de terror – identificação projetiva – que se abre com essa ação do adulto. O terreno paralisante que dota o outro de um poder absoluto - obsceno tutelar e totalitário (Lacan) – modifica-se pelos cuidados do adulto, pelas suas palavras. Inicialmente, as palavras dotam-se da *lei da mãe*, de uma designação totalitária, conforme a lógica dual e vertical do desamparo – impotência/onipotência – instrumentando-se do poder de *citação da mãe*, de uma sustentação narcísica e especular; essa configura sementes identificatórias da idealidade superegoica para fazer face às urgências do desamparo (Morel, 2008). Mas, com a restauração do gozo pela construção sintomática do corpo (pelas palavras e ações do adulto), este se mune de ‘*imagens de movimento*’, de ‘*notícias de si*’ (*Projeto...*) para que essas (matizadas em sintomas) se estabeleçam como futuras referências autoeróticas e afetos. O terreno inicial da hostilidade, da angústia traumática (no outro e em si) se abre, paulatinamente, ao *desejo da mãe*, ao mundo de seu mistério e enigma, da sedução, *da coisa (ding)*: esse que se estende, assim, aos seus infinitos lugares vazios, prontos a se tornarem predicados, referências em si e do outro, agora com condições de se diferenciarem e se distinguirem.

Vale frisar essa passagem do terror de angústia à paulatina constituição de um eu e suas referências autoeróticas da libido, estas sim despertadas por uma preparação à ação, empenhada pelo sinal da angústia. A defesa perante um real, do isso e do mundo, lança mão da história constitutiva do sujeito, mobilizando - através do sinal de angústia, como anticorpo deixado na lida com a experiência traumática - o pensar e suas cadeias de prazer/desprazer, veiculadas pelas representações adquiridas para ampliá-las.

Porém, aqui, é preciso destacar o trabalho especular, do duplo, do narcisismo primário, em que a angústia se fixa em símbolo sintomático, da dor de anseio para possibilitar a separação. Algo que Freud descreve no adendo C do livro de 1926/1993c como o trabalho do objeto, de aparecer e desaparecer, para que haja a distinção entre ameaça de sumiço definitivo, traumático e ausência temporária. Esse sintoma ou referência interna do amor - ‘*vou, mas volto*’ - transforma a angústia originária na qual *falta a falta* numa *dor de anseio, de saudade*, onde a dor se articula à instituição da falta. Aqui começa a costura do sinal de angústia. Grande parte do ensaio cativante de 1919, *Unheimliche* se volta para essa exigência desse *trabalho do duplo* quando este revela suas falhas pela emergência do susto devastador e da imersão no inquietante (*unheimliche*). Sabemos que este ensaio foi esboçado em 1912, logo depois do desmaio de Freud junto a Jung quando do impacto da perda do seu duplo. Acontecimento que se desenrola no mesmo local em que experencia algo parecido com Fliess, em 1904, com a ruptura

definitiva dele. Poucos meses depois, ele é acometido de distúrbio de percepção em Acrópolis, no passeio com o irmão Alexandre, e cuja metabolização é narrada 32 anos depois, quando Freud se reanima na aquisição da segura companhia de Romain Roland, o duplo do irmão, outro duplo seu.

Esse estágio de separação, fruto do trabalho narcísico, imprime uma condição definitiva para os estágios sucessivos dessa espiral do sinal da angústia: essa ameaça de separação evolui para a ameaça da perda de amor e, em seguida, para a ameaça de castração, para a angústia social, angústia moral e angústia de destino, *de morte* (Freud, 1926/1993c). Com a elaboração da castração, e da passagem pela latência, os sintomas conversivos (sustentadores do eu) se tornam, com o estabelecimento seguro do terceiro – e, pelo seu herdeiro, o superego, veiculador dos ideais –, verdadeiros afetos para se colocar a serviço da alteridade, da vida, da solidão cultural e social.

Entretanto, a escalção acima da constituição do sujeito em torno da angústia ou da defesa diz respeito ao predicamento inevitável da insustentabilidade do eu como tal, ou seja, no perigo de derrapar da rota da angústia, sinal do desejo, do *objeto a*, para a imersão na *falta da falta*, do caos. A cultura, a solidão que ela impõe pela demanda sublimatória – essa que amplia a defusão pulsional, a angústia –, traz à tona a ameaça caótica sobre o eu, e este, cada vez mais, precisa recorrer à criação de sintomas como meios de sustentação do eu ante o vislumbre de seu desfazimento: ”assim, afirma Freud em 1926, o sintoma assume, gradativamente, a representação de importantes interesses; passa a ser útil na afirmação da posição do sujeito, imerge-se mais intimamente no eu, e se torna cada vez mais indispensável para ele” (pg.251). Freud assemelha os sintomas no eu às minorias de uma população sem as quais o Estado e seu regime não se sustentam. Não só sintomas e inibições, mas também cisões e rachaduras (Freud 1924, 1926, 1927, 1929, 1936, 1938 e 1939) figuram indispensáveis na manutenção do eu em seu conjunto, à semelhança do que ocorre com certos vasos quando, sob a força de análogas pressões, trincam-se para não se despedaçar (cap.VIII, *Compêndio...*). Subentende-se que tais acomodações, atingindo a demografia e a topografia do eu, têm consequências sobre as metas e os alcances de uma análise. A análise não pode ter outro destino a não ser a assunção de seu sintoma pelo sujeito. Sobre este aspecto já me detive em outros trabalhos.

Quero apenas, para encerrar essas notas rápidas, sobre a angústia na obra final de Freud, apontar para quadros cada vez mais frequentes na nossa clínica, da qual valeria destacar dois grupos. O primeiro refere-se a configurações mistas que oscilam entre quadros de neurose obsessiva e neurose de angústia; o segundo configura imagem invertida do primeiro: pacientes, também jovens, com traços aparentemente histéricos e obsessivos, nos quais a angústia, que ameaçava tocar o seu solo depressivo, reverte-se em busca de gozo narcótico. Neles, a imaturidade amorosa, tal como em Leonardo (Freud, 1910/1988c), revela uma fixação na ‘imagem primordial da mãe’ (*urzeitlich*).

São apenas duas configurações entre muitos, em que a angústia ameaça deturpar as funções de pensar do eu e envolvê-lo, de um lado, nas sombras de terror; e, de outro, em outros pacientes, na busca adicta pelo gozo, numa procura frenética pela ternura, seja em amores fusionais e mães videntes, ou/e em vícios narcóticos e estéticos que os aproxima da perversão.

Em ambos os quadros, é possível detectar carências nos objetos de origens que impediram um trabalho suficiente da função do objeto como mensageiro da cultura, da separação e da sustentabilidade razoável do eu.

#### **Anxiety: Freud at Lacan's neighborhood**

**Abstract:** The movement of Freudian thoughts about the anxiety is resumed in a succinctly way in order to point out its effects about on new and ingenious inputs of the latest Lacan. Thus, the anxiety in Freud encourage the Lacan's new contributions about the real, the enjoyment and the *sinthome* and its relations with the *object a*.

**Keywords:** mother's law; mother's desire; imaginary; automatic anxiety; signal anxiety.

#### **La angustia: Freud en la vecindad de Lacan**

**Resumen:** El movimiento del pensamiento freudiano acerca de la angustia es retomado de una manera sucinta con el fin de apuntar sus efectos sobre los aportes refrescantes e ingeniosos del último Lacan. Por lo tanto, la angustia en Freud propulsa las nuevas contribuciones de Lacan relacionadas al real, al goce, al *sinthome* y sus vínculos con el *objeto a*.

**Palabras clave:** la ley de la madre; el deseo de la madre; imaginario; angustia automática; angustia señal.

## Referências

- Freud, S., Breuer, J. (1974). *Studies on hysteria* (Pelican Freud Library, Vol. 3). London: Cox and Wyman. (Trabalho original publicado em 1895).
- Freud, S. (1966). *Hysteria*, (*Standard Edition* Vol 1; pp.39-63, publicado em 1888) - (1976). *Introductory lecture XXV: Anxiety* (Pelican Freud Library, Vol. 1, pp. 440-460). London: Cox and Wyman. (Trabalho original publicado em 1916).
- Freud, S. (1976b). *Introductory lecture XXIII: The paths to the formation of symptoms*. In S. Freud. *Pelican Freud Library* (Vol. 1, pp. 404-424). London: Cox and Wyman. (Trabalho original publicado em 1916).
- Freud, S. (1976b). *Introductory lecture XXV: Anxiety*. In: S. Freud. *Pelican Freud Library* (Vol. 1, pp. 440-460). London: Cox and Wyman. (Trabalho originalmente publicado em 1916).
- Freud, S. (1977a). *Three Essays on the theory of sexuality*. In: S. Freud. *Pelican Freud Library*, Vol. 7. (Trabalho original publicado em 1905).
- Freud, S. (1977b). *Fetishism*. In: S. Freud. *Pelican Freud Library*. (Vol.7) (Trabalho original publicado em 1927).
- Freud, S. (1985a). *Group psychology and the analysis of the ego*. In: S. Freud. *Pelican Freud Library*. (Vol. 12, pp. 91-178). London: Cox and Wyman. (Trabalho original publicado em 1921).
- Freud, S. (1985b). *The future of an illusion*. In: S. Freud. *Pelican Freud Library* (Vol.12, pp. 179-242). London: Cox and Wyman. (Trabalho originalmente publicado em 1927).
- Freud, S. (1986a). *Manuscript G*. In: S. Freud *Correspondência com Fliess: 1887-1904*, Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em (1895b)).
- Freud, S. (1986b). *Totem and taboo* In: S. Freud. *Pelican Freud Library*. (Vol. 13, pp. 43-224). London: Cox and Wyman. (Trabalho original publicado em 1913).
- Freud, S. (1986c). *Moses and monotheism*. In: S. Freud. *Pelican Freud Library* (Vol. 13, pp. 237-386). London: Cox and Wyman. (Trabalho original publicado em 1938).
- Freud, S. (1986d). *An outline of psychoanalysis*. In: S. Freud *Pelican Freud Library*, (Vol. XV, pp. 371-444). (Trabalho original publicado em 1939).
- Freud, S. (1987). *Contribution à la conception des aphasies*. Paris: PUF. (Trabalho original publicado em 1891).
- Freud, S. (1988a). *The interpretation of dreams* In: *Pelican Freud Library*. (Vol. 4.) (Trabalho original publicado em 1900).
- Freud, S. (1988b). *Some character-types met with in psychoanalytic work*. In: S. Freud. *Pelican Freud Library* (Vol. 14, pp. 291-320). London: Cox and Wyman. (Trabalho original publicado em 1916).
- Freud, S. (1988c). *Leonardo da Vinci and a memory of his childhood*. In: S. Freud. *Pelican Freud Library* (Vol. 14, pp. 291-320). London: Cox and Wyman. (Trabalho original publicado em 1910).
- Freud, S. (1988d) *The 'Uncanny'*. In: S. Freud. *Pelican Freud Library* (Vol. 14, pp. 335-376). London: Cox and Wyman. (Trabalho original publicado em 1919).
- Freud, S. (1991a). *Formulations on the two principles of mental functioning*. In: S. Freud *Pelican Freud Library*, (Vol. 11) (Trabalho original publicado em 1911)
- Freud, S. (1991b). *On narcissism: an introduction*. In: S. Freud. *Pelican Freud Library*. (Vol.11) (Trabalho original publicado em 1914).
- Freud, S. (1991c) *Splitting of the ego in the process of defence*. In: S. Freud. *Pelican Freud Library*. (Vol.11) (Trabalho original publicado em 1938)
- Freud, S. (1991d). *Beyond the pleasure principle*. In: S. Freud. *Pelican Freud Library* (Vol. 11, pp. 269-338). London: Cox and Wyman. (Trabalho original publicado em 1920).
- Freud, S. (1991e). *The economic problem of masochism*. In: S. Freud. *Pelican Freud Library*. (Vol. 11, pp. 409-426). London: Cox and Wyman. (Trabalho original publicado em 1924).

- Freud, S. (1991f). Instincts and their vicissitudes. In: S. Freud. *Pelican Freud Library* (Vol.11 pp. 105-139). (Trabalho original publicado em 1915).
- Freud, S. (1993a). Neurosis and psychosis. In: S. Freud. *Pelican Freud Library* (Vol.10, pp. 209-218). London: Cox and Wyman. (Trabalho original publicado em 1923).
- Freud, S. (1993b). The loss of reality in neurosis and psychosis. In: S. Freud. *Pelican Freud Library* (Vol. 10, pp. 219-228). (Trabalho original publicado em 1924).
- Freud, S. (1993c). Inhibition, symptom and anxiety. In: S. Freud. *Pelican Freud Library*. (Vol. 10, pp. 140-470). London: Cox and Wyman. (Trabalho original publicado em 1926).
- Freud, S. (1995). *Projeto de uma psicologia* (O. F. Gabbi Jr., Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1895).
- Freud, S. (1998). Du bien-fondé à sépare de la neurasthénie un complexe de symptôme déterminé, en tant que 'névrose d'angisse'. In: S. Freud *Oeuvres complètes*. (Vol. 3). Paris : PUF.(Trabalho original publicado em 1896).
- Freud, S. (1998). 'Nouvelles remarques sure les névropsychoses-de-defense In: *Oeuvres complètes*. (Vol. 3). Paris : PUF.(Trabalho original publicado em 1896).
- Freud, S. (2002). Mental treatment [Soul treatment]. In: S. Freud. *Psychoanalytical treatment essays, 1890-1938* (pp. 59-72). Tel-Aviv: Am Oved. (Trabalho original publicado em 1890).
- Freud, S (2010). Novas conferencias XXXII In: *Obras Completas* Vol 18, 224-262, São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1933).
- Lacan J. (2005). *O seminário de Lacan, Livro 10: A angústia (1962-1963)* Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan J. (2009). *O seminário de Lacan, Livro 23: O sinthoma (1975-1976)* Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Morel G. (2008). *La loi de la mère*. Essai sur le sinthome sexuel. Paris: Economica, Anthropos.

Daniel Delouya  
Rua Capote Valente 439/conj 104.  
São Paulo-Capital  
05409-001  
danieldelouya@gmail.com